

101 Palavras para falar de livros

Maria Vitória de Sousa

O que procuramos quando procuramos livros que façam dos nossos alunos leitores críticos e criativos? Enquanto leitores adultos, enquanto professores leitores queremos a surpresa e o deslumbramento. Estamos a ler e sabemos que *isto é novo*, esta história ainda não está no nosso armazém das histórias lidas e relidas, esta forma de contar deixa-nos suspensos no meio da página, o desfecho inesperado faz-nos sorrir, chegamos ao fim e sabemos que valeu a pena.

A seguir, após encontrarmos a obra certa, vem uma vontade e uma certa urgência de levar o livro para a aula. Queremos que os alunos sintam o prazer de ler, que queiram falar do que acabaram de ler, que tenham opiniões a defender ou a refutar, que não sepultem o livro no esquecimento da lista das leituras obrigatórias. Mas não ficamos por aqui, queremos mais, queremos que sejam capazes de aceitar o insólito como estímulo para a criatividade, que brinquem com as histórias que os escritores inventam, que se divirtam com as palavras que (re)criam. E como a leitura é um campo sem limites, o ideal seria que os nossos alunos se tornassem leitores-autores, narrando e escrevendo “à maneira de...”.

As duas estradas

A1 vs N126

Texto: Isabel Minhós Martins

Ilustração: Bernardo Carvalho

Editor: planeta Tangerina, Design e Comunicação, Lda.

2009.



Um destino e dois caminhos. O antigo e o moderno. O destino é a casa de família em Alcobia do Tejo. Os percursos alternativos são a A1 ou a N126. O que se ganha e o que se perde? Ganha-se tempo para fazer outras coisas, perdemo-nos na procura da *direção certa*, aceleramos sem curvas, deixamos fugir na velocidade os *campos a perder de vista*, aproveitamos para *pensar no passado e imaginar o futuro*; comemos, apressados, em tabuleiros de plástico; ultrapassamos e somos ultrapassados; falamos de viagens antigas, distraímo-nos e deixamos passar a saída, fazemos mais 50 km para recuperar a A1..., e, finalmente, chegamos, somos os primeiros.

Mas retomemos o caminho, ou seja, damos a volta ao livro e ao percurso. Viramos o livro na vertical e vamos, agora, pela N126. *Sáimos de casa cedo* de faróis acesos; carregamos comida para o dia inteiro; entramos na estrada antiga deixando para trás os subúrbios; há quintais, rebanhos, tratores, mas faltam os sinais de trânsito, perguntamos onde estamos, *toda a gente tem sempre muito tempo para nos dar explicações*; paramos por isto e por aquilo; fazemos um piquenique e jogamos matraquilhos em lugares perdidos no tempo; brincamos e *jogamos a tudo o que nos lembramos...*, mas *a estrada não tem fim*, tem subidas e contracurvas; perdemo-nos e *a tarde começa a cair*; brincamos num ribeiro e sujamos o carro com lama; uma vez mais perguntamos o caminho, ... Chegamos... *O resto da família já está à nossa espera*.

Concluída a leitura, vem a pergunta. O que ganhamos e perdemos com a modernidade, com o progresso? Este é um dos temas possíveis para o levantamento dos prós e contras em sala de aula. Esta é uma obra que nos faz pensar e argumentar.

P



O Lápis Surdo sou eu¹

Texto e imagem de Ramiro S. Osório

Editor: Sulfúria Edições, Lisboa, 2018.

Perguntaram um dia ao escritor. “Quantas palavras cabem na boca do poeta? Todas, mais as que inventar. Todas que existem, mais as que inventar².”

É assim mesmo! São histórias feitas com as palavras e a fantasia ilimitada de um poeta. Surpreendo-me página a página; a leitura transforma-se numa brincadeira em estado puro. Cada história desperta um desejo de ser ou de viver em outro universo. Desejei ser um professor numa história de dragões, porque os professores não existem nas histórias de dragões. Acompanhei um dragão com insónias que faz perguntas sem resposta, a uma fada que satisfaz um só desejo, e bebe chá de limão na companhia de ciganas. Fiquei a saber que há cartas que precisam de chuva para chegarem ao seu destino.

Li a história de uma rainha que foge do branco-neve do seu país, cobre-se das cores do arco-íris, torna-se uma famosa artista de circo, percorre terras em viagens sem fim até chegar a uma terra que cheira a Primavera e a faz regressar para a floresta branca, ...

São dezasseis histórias, (dezasseis momentos!) que se transformam em dezasseis desafios, porque cada uma parece conter um enigma que temos de desvendar. Assim, por exemplo, *Uma menina sem ninho*, a história da menina que não gostava de lavar as orelhas, levou-me a pensar que os desejos não têm fim, porque nascem da nossa vontade de viver quando a vida não faz sentido.

Claro que esta é a minha leitura. O interessante é conseguir que cada uma destas histórias produza uma leitura diferente em cada um dos nossos jovens leitores.

Quem é que terá tido a triste ideia de pôr os animais a falar, nas histórias para crianças?

- **Não sei** – escreveu a máquina de escrever.

O lápis fez como se não tivesse ouvido a pergunta.

Mas a máquina de escrever não tinha papas nas teclas:

- **Esse lápis é mudo! E surdo que nem uma porta!**

¹ <http://sulfuria.pt/o-lapis-surdo-sou-eu/>

² <https://flaviamuniz.wordpress.com/2010/02/25/trocando-ideia-com-ramiro-osorio-2/>